

## A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE INIBIÇÃO DE UM NEOHOLOCAUSTO NAZISTA

Autora: Fernanda Silva Araujo

*Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, graduanda em Pedagogia – Pedagogia – Campus III – Centro de Humanidades*  
[fer.araujo95@gmail.com](mailto:fer.araujo95@gmail.com)

Orientador: Estevam Dedalus Pereira de Aguiar Mendes

*Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UFRN), Professor na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus III – Centro de Humanidades*  
[estevamedalus@yahoo.com](mailto:estevamedalus@yahoo.com)

**Resumo:** O presente artigo tem como propósito fazer uma análise acerca dos acontecimentos provenientes do Holocausto Nazista a fim de entender os motivos e a finalidade da atrocidade ocorrida nesse período, assim como utilizar a educação como um instrumento para coibir o surgimento de pensamentos neonazistas. Esta pesquisa aborda alguns métodos utilizados pelos nazistas com o intuito de promover uma segregação racial a fim de desenvolver uma raça pura, nesse sentido o texto vale-se dos pensamentos de alguns autores para explicar como funcionava o sistema imoral e irracional operado por aqueles que se autodenominavam seres humanos superiores. Cuida-se também da indiferença moral originada da falta de empatia entre pessoas inseridas numa mesma sociedade, tomando como fundamento as ideias elaboradas por pensadores que viveram e que se ocuparam em estudar tal barbárie. Bauman (1998) se preocupou em estudar aspectos de uma sociedade omissa trazendo a lume questões pertinentes em relação ao comportamento humano. Arendt (1995) volta seu estudo a banalidade do mal produzida por aqueles cujo, as suas ações são praticadas de maneira irrefletida. Art Spielgeman oferece uma história em quadrinhos contando o relato de um sobrevivente de Auschwitz, nos fazendo entender de modo mais claro a realidade dentro dos campos de concentração. Por fim, Adorno (1995) dispõe sobre uma educação como o instrumento principal para permitir que a história do crime contra a humanidade não seja apagada da memória humana para que desta maneira evite que não apenas o genocídio de Auschwitz torne a acontecer, como também casos análogos a este.

**Palavras-chave:** Auschwitz, educação, sociedade.

### INTRODUÇÃO

O Holocausto Nazista foi um acontecimento no período da Segunda Guerra Mundial que teve como escopo dispersar os alemães arianos dos não arianos, com o ousado objetivo de constituírem uma nação intitulada “pura”. Para que isso ocorresse o primeiro passo foi segregar – em guetos – os judeus em especial, as pessoas com deficiências, os ciganos, como também os inimigos políticos do sistema, entre outros, os considerados “impuros”.

Os guetos eram bairros segregados que essas pessoas ficavam, até que as autoridades nazistas decidissem o que seria feito para se livrar definitivamente delas. Embora sendo de caráter provisório, esses locais já serviam como ambiente para o assassinato de parte daquelas pessoas, as demais eram deportadas para os campos de concentração. Os campos de concentração eram locais

que serviam para manter, com ânimo definitivo, as pessoas que vinham dos guetos, tal espaço era utilizado para escravizar e matar as vítimas.

Esses crimes hediondos foram cometidos por pessoas comuns, ao contrário do que muitos pensam. Tal acontecimento histórico não foi fruto da insanidade de um cara louco, mas um crime minunciosamente calculado, organizado e executado por pessoas sujeitadas a ordens hierárquicas. Este binário mandar x obedecer pode ser comparado ao que acontece no interior de uma grande empresa capitalista, onde os superiores planejam e os subordinados executam o “trabalho sujo”. Essa forma industrial e burocratizada aliada a uma ordem jurídica, em grande medida, não permitia que os comportamentos fossem vistos como algo errado – embotando os sentimentos de culpa e empatia.

Os nazistas recrutavam simpatizantes para execução de tal barbárie, persuadindo-os ao difundir a ideia de que os alemães eram racialmente puros e superiores a outros povos. Desta forma, definindo o estereótipo ideal que consistia ser loiro, alto e ter olhos azuis. Esse absurdo ético e o discurso de cumprir a qualquer custo as tarefas impostas pelo próprio trabalho, por incrível que pareça, foram aceitos por grande parte dos alemães. A consequência disso é o que podemos entender como invisibilidade moral ou mesmo a banalidade do mal.

Com esta ideologia inescrupulosa os nazistas promoveram a dizimação de milhares de pessoas, a maioria judia, cerca de seis milhões. Entretanto, muitos conseguiram sobreviver aos campos de concentração e apresentar ao mundo relatos espantosos que deixariam vivas as memórias sobre os tempos do Terror. Filmes, livros e museus foram criados com base nessas experiências.

Diversos pensadores se ocuparam de explicar esses acontecimentos, como da formulação de mecanismos éticos e políticos que impedissem uma nova barbárie. Adorno (1995) afirmava ser tarefa indispensável compreender o papel da educação nesse contexto. Ela seria o principal instrumento para evitar que Auschwitz se repita. Se a educação da juventude hitlerista que foi instruída a defender e difundir as ideias de Adolf Hitler contribuiu para que as pessoas da “raça não pura” fossem invisibilizadas, demonizadas e eliminadas durante o período do nazismo, inversamente, outro tipo de educação poderia levar os jovens a despertar dentro de si a empatia e difundir valores morais e humanos.

Como base num diálogo com as ideias de Bauman (1998), Arendt (1999), Adorno (1995) e de uma análise da história em quadrinhos *Maus* – escrita por Art Spiegelman – este trabalho visa compreender os mecanismos de produção social da indiferença moral, pano de fundo do crime contra humanidade cometido pelos nazistas, e refletir a educação emancipatória enquanto forma de

enfrentamento à barbárie.

## Produção da Indiferença Moral

Como pessoas ditas comuns foram capazes de participar ativamente, amparadas por uma ideologia racial e um estatuto jurídico, do extermínio humano em massa?

A maioria dos que executaram o genocídio eram pessoas normais, que passariam facilmente em qualquer peneira psiquiátrica conhecida, por mais densa e moralmente perturbadora. Isso também é teoricamente intrigante, em especial quando visto em conjunto com a “normalidade” daquelas estruturas da organização que coordenaram as ações desses indivíduos normais no empreendimento do genocídio. (BAUMAN, 1998, p. 39)

Bauman (1998) também acha intrigante pensar como pessoas comuns cometeram esses crimes sem se sentirem culpadas. Para melhor compreensão do que os nazistas faziam e tornar os atos de incivilidade contra os alemães não arianos é essencial considerar a conjuntura do momento.

A desumanização, em especial a judaica, foi promovida por Hitler e pelos adeptos da sua ideologia, inicialmente com discursos antijudaicos nos quais alegava que os judeus não eram da raça humana: “Sem dúvida, os judeus são uma raça, mas não são humanos.” (Hitler apud Spiegelman, p. 10). Ideias como esta se propalaram. Os judeus foram demonizados. Sua imagem ligada à sujeira, aos parasitas e ratos – por mais absurdo que pareça aos nossos princípios éticos e morais.

A história em quadrinhos *Maus* caracteriza, nitidamente, a experiência de quem vivenciou o Holocausto; nela os judeus são retratados como ratos, os nazistas são os gatos, os poloneses os porcos e os americanos são os cães.



Figura 1 – um judeu como rato sujo.

Fonte: Spiegelman, 2009, p. 35

Esse pequeno recorte de *Maus* deixa explícito o lugar no qual o judeu foi colocado durante o nazismo, naquele momento os judeus “não eram humanos”. Obviamente, não só eles foram perseguidos e desumanizados, como já foi dito, todos aqueles que não pertenciam à raça pura alemã tiveram o mesmo destino, a invisibilidade humana.

O planejamento para aniquilar os não arianos foi minuciosamente arquitetado. Esquematizaram o extermínio como no processo de um sistema fabril, ou seja, a organização da barbárie foi como a de uma grande empresa capitalista, na qual tudo era feito racionalmente em prol do cumprimento do objetivo final da empresa. Neste caso a morte de milhões de pessoas.

Pessoas “normais” foram recrutadas para trabalhar no genocídio em questão, cada uma tinha seu papel a cumprir, só restava a elas obedecer às ordens superiores para honrar seu trabalho. Mesmo que se tratasse de confinar, maltratar e matar seres humanos iguais a elas. Constituiu-se ali uma dita “normalidade” dessa estrutura organizacional que pode ser entendida como uma “cegueira moral” da sociedade.

A anulação da sociedade numa situação tão delicada e crítica como a do Holocausto é preocupante. Poderíamos entender isso como as duas faces do ser humano que Bauman (1998) evidencia, isto é, o ser humano tem em si duas faces, duas maneiras de ser, a situação na qual ele está inserido é que vai definir qual das suas faces será revelada. Em situações como a da barbárie, o ego humano se enaltece, naquele momento só importa o eu.

É possível verificar, na imagem abaixo que é um recorte da história *Maus*, que os próprios judeus fizeram parte do exército alemão. Seguindo o raciocínio de que existem as duas faces do ser humano, os judeus que se portaram como alemães deixam o seu lado do mal se enaltecer, para eles, antes matar outros judeus e quem sabe assim talvez sobreviver, do que ir direto para o cenário do horror como mais uma vítima.



Figura 2 – Os judeus como alemães nazistas  
Fonte: Spiegelman, 2009, p. 108

Com a intensificação do processo desumanização e invisibilidade moral dos inimigos nazistas, foi promovido um distanciamento ainda maior entre ambos. O distanciamento moral entre assassinos e vítimas ao arrefecer os sentimentos de culpa, criaria a sensação de que o “trabalho é cada vez menos criminoso”. Temos como exemplo desse distanciamento a troca do fuzilamento das vítimas colocadas à beira dos fossos para que ao serem fuziladas já caíam dentro – esses eram seus túmulos – como pelo uso das câmaras de gás. São técnicas que para diminuir os contatos dos com as vítimas.

Ao derramar o gás nas câmaras seu papel não seria de assassino convencional, afinal não estaria com uma arma apontada para dezenas de pessoas e disparando o gatilho. Mas o de um mero funcionário que derramava os produtos químicos no local adequado, o que segundo Bauman (1998) seria a mais eficaz arma que os nazistas usaram naquele momento para a concretização dessa “cegueira moral”. O argumento de cumprir ordens seria usado insistentemente como meio de defesa por esses assassinos.

É indispensável entender essa indiferença moral como elemento intimamente ligado à modernidade. À vista disso, entende-se que a sociedade também foi conivente com as atitudes nazistas; a partir do momento que ela se silenciou permitiu que as atrocidades acontecessem e aceitou o argumento medíocre de que os crimes foram cometidos para o bom desempenho no trabalho. Destarte, configurada a banalidade do mal de Hannah Arendt (1999).

Arendt em seu livro **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal** descreve o julgamento de Eichmann – oficial nazista responsável pelo carregamento das vítimas em trens. Segundo ela, tratava-se de um homem comum que não apresentaria nenhum distúrbio psiquiátrico. O que causaria estranhamento. Afinal ele participou de toda a matança, era um dos principais responsáveis por isso e ainda assim sentia-se destituído de toda e qualquer culpa alegando que só cumpria ordens. A figura de Eichmann evidenciaria, portanto, a completa falta de empatia e de reflexão sobre seus próprios atos; o mal cometido por ele foi simplesmente banal, sem nenhum motivo.

O que mais preocupa nessa banalidade do mal que podemos classificar como uma irreflexão dos gestos e atos para com o outro, é encontrá-la fortemente ativa na sociedade atual. Agredir um jovem negro de periferia que aparenta ser um suspeito de cometer um assalto, mas que no final foi tudo não passou de um grande engano é um pequeno exemplo diante de tantos que presenciamos no dia a dia. A culpa nunca é assumida, quem pratica tal ato muitas veze alega que não teve culpa, que



Figura 3 – como funcionava Auschwitz  
Fonte: Spielgeman, 2009, p 230

A educação deve ser utilizada como o mecanismo de valorização dos direitos humanos. Do contrário, pode trazer danos irreversíveis aos seres humanos como aconteceu no período ápice do nazismo. A educação tem grande força de difundir ideias. Não é à toa que foi uma importante arma usada por Hitler para a disseminação da ideologia nazista, através da Juventude Hitlerista.

A Juventude Hitlerista tinha como seu principal objetivo doutrinar os novos jovens a seguir os passos do nazismo alemão. Uma organização juvenil inicialmente chamada de liga da juventude do partido nazista, que treinava os jovens a serem os soldados que protegeriam os líderes nazistas. Com Hitler no poder essa organização teve um papel central no nazismo. Devido a sua importância política estratégica, seria abolido qualquer outro tipo de organização juvenil depois da tomada do poder pelos nazistas.

Preparar os jovens e as crianças para propagar uma ideologia, sem dúvidas foi um dos modos mais eficaz de convencer e conseguir mais adeptos para sua defesa; com um bombardeamento de ideias disseminadas através de palestras, seminários e discursos políticos, usando jogos que levam a preparação militar, entre outras formas de promover a idealização de uma Alemanha livre de “raças impuras”. O nazismo continuou assim difundindo seu ódio racial, de modo a atingir uma população inteira.

Como podemos perceber a educação é peça chave para o poder. Não é difícil notar, em muitos discursos atuais, a propagação de pensamentos que promove ódio racial, religioso, cultural ou outros, que vão contra os Direitos Humanos. Eis aqui o desafio de se promover uma educação emancipadora que expanda a visão de jovens para o combate efetivo da disseminação de ideologias neonazistas e a intolerância.

A educação como principal medida de combate à reprodução da barbárie é a certeza de uma sociedade moral e eticamente desejável. Adorno expõe duas questões que designam essa educação após Aushwitz “[...] primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição [...]” (ADORNO, 1995, p.123). A primeira a que ele se refere, é incontestável, afinal sabemos que é na infância que o caráter do homem é formado, em especial, como o próprio autor afirma, na primeira infância. O papel da educação nesse momento é primordial para o bom desenvolvimento físico e psíquico das crianças, entretanto é preciso muito cuidado para que os

valores morais e a consciência social sejam apresentados a essas crianças de maneira adequada, a fim de que esses valores não sejam de forma alguma distorcidos. A última questão de Adorno é em si o esclarecimento para a sociedade, ou seja, fazer com que ela reflita e consiga entender o que aconteceu. Deste modo, despertando a inteligência do ser e inibindo, assim, atitudes irrefletidas.

Entender Auschwitz é elucidar o que se passou para a educação, se torna indispensável levar isso em consideração na busca por uma educação emancipatória. O conjunto de ações que promova a reflexão, a criticidade, a difusão de respeito aos direitos inerentes ao ser humano tem que ter como ênfase a disseminação de empatia e respeito. A compreensão do verdadeiro papel dessa educação, isto é, “evitar que Auschwitz se repita”.

### **Considerações Finais**

Diante do exposto fica evidente o quão grave foi o modelo ideológico disseminado por indivíduos cujo objetivo era a propagação do ódio sobre seres humanos, por eles considerados, inferiores. Utilizando-se de metodologias abomináveis, inimagináveis por aqueles etica e moralmente abalisados. O texto faz refletir sobre até onde um pequeno grupo de pessoas são capazes de chegar em defesa de um discurso de superioridade racial ou religiosa, isto fere os princípios da dignidade humana e fraternidade, no qual são a base da sociedade contemporânea. Além disso, mostra as consequências de uma sociedade omissa para a realidade lamentável das vítimas desse crime. Além do mais, serve para as pessoas meditem a respeito de uma pseudoideologia de raça “pura”, que servia de respaldo para o cometimento de tal barbárie, auxília também como forma de apredizado para que as futuras gerações não incorram no mesmo erro. Para que isto não se resulte mais, é imprescindível usarmos como arma aquilo que temos de mais poderosa, a educação emancipadora.

### **Referências Bibliográficas**

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Paz e Terra, 1995.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo : Companhia das letras, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1998.

SPIELGEMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente**. São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

VÍTIMAS DO PERÍODO NAZISTA: IDEOLOGIA RACIAL NAZISTA. Disponível em:  
<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007457> acesso em: 04/10/2017 às 21:30

O HOLOCAUSTO. Disponível em:  
<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007867> Acesso em 06/10/2017 às 09:46